



RECEITAS E SABORES DO MÉXICO: ITENS DE ESPECIFICIDADE CULTURAL NA TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DA OBRA *COMO AGUA PARA CHOCOLATE*

Dayse Helena Viana de Albuquerque Gouveia

Universidade Federal da Paraíba – daysehelenagouveia@gmail.com

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar e discutir alguns dos resultados obtidos sobre os itens de especificidade cultural (doravante IEC) no romance *Como agua para chocolate* (1989), da escritora mexicana Laura Esquivel e sua tradução para o português brasileiro realizada pela tradutora Olga Savary (Editora Martins Fontes - 1993). Igualmente objetiva-se verificar se a versão analisada teve como efeito a acentuação ou o apagamento dos elementos culturais mexicanos através dos conceitos de estrangeirização e domesticação. Como arcabouço teórico, essa pesquisa alicerça-se nos Estudos da Tradução principalmente nos trabalhos empreendidos por Javier Franco Aixelá (2013) e Lawrence Venuti (2004). Dentre os resultados obtidos, destaca-se que a maioria dos IEC correspondem ao domínio gastronômico, o que espelha a temática da obra. Ainda pôde-se constatar que a tradutora teve tratamentos semelhantes frente aos IEC, ou seja, o uso da repetição dos vocábulos e da explicação extratextual por meio de notas de tradução resultando numa maior acentuação dos elementos culturais mexicanos em seu texto.

Palavras-chave: Literatura mexicana, Tradução, *Como agua para chocolate*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É difícil não perceber a importância da gastronomia mexicana no romance *Como agua para chocolate*. A obra que, desde o título, apresenta uma intrigante combinação dos ingredientes água e chocolate, faz-nos questionar sobre o que se pode encontrar através de suas páginas. Na verdade, a expressão *estar como agua para chocolate* significa estar fervendo de raiva referindo-se a como se deve estar a água quando se prepara um chocolate quente, por exemplo. Desde o título, a obra revela a estreita relação entre a gastronomia e as personagens que têm a cozinha como o cômodo mais vívido da casa.

O romance *Como agua para chocolate* (1989) marca a estreia da escritora Laura Esquivel (1950) ao mundo da escritura. Considerado um *best seller*, o livro já vendeu 7 milhões de cópias em todo o mundo e já foi traduzido para mais de 45 idiomas¹. Valendo-se da positiva recepção do livro, Alfonso Arau decidiu adaptá-lo ao cinema. Logo, em 1992, o filme *Como agua para chocolate* igualmente atingiu boa recepção entre o público e foi indicado para alguns

¹ As informações foram coletadas na página espanhola *El mundo* disponível em: <http://www.elmundo.es/television/2017/03/10/58bda81be2704ea63e8b45df.html>





dos mais importantes prêmios da categoria como o Bafta e o Globo de Ouro na categoria de Melhor filme estrangeiro. Recentemente, Esquivel anunciou que *Como agua para chocolate* se converteu em um trilogia, na qual somam-se os títulos *El diario de Tita* (2016) e *Mi negro pasado* (2017).

Como agua para chocolate estrutura-se como um livro de receitas no qual cada capítulo contempla em sua abertura um prato representativo da cultura mexicana. O enredo narra a história da personagem Tita de la Garza, filha da matriarca Mamãe Elena, desde o dia de seu nascimento à juventude. A jovem, por ser a mais nova da família, deve cumprir o papel de cuidar da mãe até o fim de seus dias, segundo ditam as tradições mexicanas. Desse modo, Tita é impedida de casar-se com Pedro Muzquiz, o seu eterno apaixonado. Ambientada durante a Revolução Mexicana, a crítica a insere como uma obra pertencente ao realismo mágico no qual elementos sobrenaturais coabitam o cotidiano. No entanto, para a autora, se trata de uma exarcebação de metáforas explorando os sentidos, apesar de que Esquivel admite que há pesquisas que apresentam bons argumentos para definir o romance de tal maneira².

Em 1993, o livro ganha sua primeira tradução brasileira graças à escritora e poetisa Olga Savary. Como tradutora, ela traduziu principalmente obras da língua espanhola, destacando-se títulos do poeta Pablo Neruda e ainda dos escritores Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa, Jorge Luis Borges, Octavio Paz e Carlos Fuentes. É importante destacar que a tradução de *Como agua para chocolate* rendeu a Savary o prêmio Jabuti de tradução em 1994³.

Diante do exposto, objetiva-se apresentar e discutir alguns dos resultados obtidos, desde uma perspectiva descritiva, sobre os itens de especificidade cultural (doravante IEC) encontrados no *corpus* composto pelo texto de partida *Como agua para chocolate* (doravante TP) e pelo texto de chegada para o português brasileiro (doravante TC). Igualmente pretende-se verificar se as versões analisadas tiveram como efeito a acentuação ou o apagamento dos elementos culturais mexicanos.

2 OS ITENS DE ESPECIFICIDADE CULTURAL E OS CONCEITOS DE DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO

Em *Culture-specific Items in translation* (1996), o teórico espanhol Javier Franco Aixelá menciona que há a tendência em identificar os itens de especificidade cultural como termos que

² Em entrevista concedida a Monica Maristan para o sítio mexicano *Sin embargo*. Disponível em: <http://www.sinembargo.mx/29-06-2016/3059930>

³ Segundo informações coletadas na página Poesia traduzida no Brasil. Disponível em: <http://poesiatraduzida.com.br/olga-savary/>





VII ENLIJE

apresentam dificuldade na hora de traduzi-los, como, por exemplo, nomes de instituições, ruas, figuras históricas, nomes próprios, obras de arte etc. Para o pesquisador, os IEC podem ser definidos como:

aqueles itens textualmente efetivados, cujas conotações e função em um texto fonte se configuram em um problema de tradução em sua transferência para um texto alvo, sempre que esse problema for um produto da inexistência do item referido ou de seu status intertextual diferente no sistema da cultura dos leitores do texto alvo. (AIXELÁ, 2013, p. 193)

Ainda segundo o autor (2013), todos os textos, além da diversidade linguística, interpretativa, pragmática ou intertextual, ainda possuem uma diversidade cultural. Dessa forma, cada comunidade linguística tem uma série de hábitos, julgamentos de valor e sistemas de classificação que podem apresentar-se muito semelhantes ou diferentes entre a cultura-fonte e a cultura-alvo. Portanto, o tradutor lidará com esses fatores que influenciarão em sua atividade tradutória.

O teórico então propõe a classificação dos procedimentos tradutórios desses IEC que se agruparão de acordo com a natureza de conservação ou de substituição. A categoria de conservação inclui estratégias tradutórias que reproduzem os elementos culturais da cultura-fonte, à medida que a categoria de substituição reúne estratégias que modificam esses IEC de forma a aproximá-los da cultura-alvo.

Dentre as estratégias de conservação encontram-se os procedimentos: repetição, adaptação ortográfica, tradução linguística, explicação extratextual e explicação intratextual. A segunda categoria, de substituição, subdivide-se em: sinonímia, universalização limitada, universalização absoluta, naturalização, exclusão e criação autônoma.

A repetição é a estratégia em que o tradutor conserva o item cultural tal como escrito em seu texto-fonte, mantendo assim o máximo possível da referência original. Um dos exemplos mais óbvios, segundo Aixelá (2013), são as traduções de topônimos. No entanto, essa estratégia pode revelar um aumento do caráter exótico e arcaico que acarretará o efeito de estranhamento para o leitor da língua-alvo.

A adaptação ortográfica inclui estratégias como a transcrição e a transliteração, principalmente quando a referência em questão está escrita em um alfabeto diferente do que os leitores da língua-alvo utilizam. Como exemplo, a tradução de nomes e termos escritos em russo quando traduzidos para o inglês, esses sofrem alterações em sua ortografia. Portanto, na





VII ENLIJE

tradução para o inglês de *O falcão maltês*, um russo chamado *Kemidov* se torna *Kemidof*. (Ibid., p. 196)

A tradução linguística visa tornar inteligível termos que possam causar estranhamento ao leitor da língua-alvo. Dessa maneira, o tradutor opta em selecionar um termo próximo ao contexto da língua-fonte objetivando uma maior compreensão pelo público-alvo. Aixelá (Ibid., p.197) demonstra essa estratégia através das unidades de medidas e as moedas, como, por exemplo, a tradução de *dollars* para dólares.

A explicação extratextual consiste na estratégia em que o tradutor considera que seja necessária alguma explicação do significado ou das implicações do IEC. Logo, o tradutor decide acrescentar alguma explicação fora do corpo do texto, que pode vir em forma de notas do tradutor no rodapé da página ou fim de página, glossário, prefácios ou posfácios etc. A explicação intratextual, semelhante à anterior, mas com a diferença de que a explicação acrescentada aparece no próprio corpo do texto. Aixelá acrescenta que esse tipo de procedimento é muitas vezes utilizado para desfazer algum tipo de ambiguidade, como, por exemplo, adicionar o primeiro nome de um personagem quando este aparece substituído por um pronome no texto-fonte.

Passando à categoria das estratégias de substituição, a sinonímia apresenta-se como uma das possibilidades do procedimento tradutório. Esse procedimento visa substituir palavras com o sentido semelhante, ou seja, por sinônimos ou referência paralela a fim de evitar a repetição do IEC em questão. O teórico ainda destaca que o uso da sinonímia é geralmente motivado por razões estilísticas que propriamente aos IEC em si.

A universalização limitada ocorre quando o tradutor julga que o IEC é muito obscuro para os leitores ou que há um outro termo mais usual, e decide substituí-lo. Nessa substituição, os tradutores geralmente buscam um termo igualmente pertencente à cultura da língua fonte, mas que esses sejam mais próximos de seus leitores.

Semelhante à anterior, a universalização absoluta acontece quando o tradutor não encontra um IEC mais próximo ou ainda por preferir apagar quaisquer conotações estrangeiras. Então, opta-se por uma referência que seja neutra para os leitores. Essa estratégia é demonstrada no exemplo da tradução de *a Chesterfield* para um sofá. (Ibid., p. 199)

A naturalização é utilizada quando o tradutor decide levar o IEC até o contexto alvo. Desse modo, *dollars* poderia ser traduzido por reais. No entanto, o teórico explica que essa estratégia não é muito utilizada em tradução literária.





A eliminação ocorre quando o tradutor acredita que o IEC é inaceitável nos níveis estilísticos ou ideológicos ou ainda por acreditar que o termo é irrelevante para a compreensão, portanto, opta-se por omiti-lo no texto de chegada.

Finalmente, o último procedimento descrito por Aixelá é o de criação autônoma. Essa estratégia consiste no acréscimo de referências culturais não encontradas no texto fonte. Para ilustrar essa estratégia, o teórico menciona a tradução de títulos de filmes na Espanha.

Aixelá (2015) indica que os IEC podem ser traduzidos a partir de estratégias que tendem à conservação ou à substituição indicando uma possível afinidade aos conceitos de domesticação e estrangeirização de Lawrence Venuti. (2004).

No livro *Translator's invisibility* (1995), Venuti discorre sobre essas duas estratégias básicas ao processo tradutório. A domesticação pode ser compreendida como aquela que aproxima o autor do leitor, havendo uma redução etnocêntrica do texto de origem em detrimento dos valores culturais da língua-alvo. Por sua vez, a estratégia de estrangeirização revela-se por sua maior abertura em assimilar elementos estrangeiros ao texto traduzido. O teórico acrescenta que uma tradução estrangeirizadora tem consequências políticas e ideológicas, podendo ser compreendida como uma escolha ética.

A partir da identificação e descrição das estratégias adotadas para a tradução dos IEC, pretende-se verificar se a tradução de Olga Savary teve como efeito o apagamento ou acentuação dos elementos culturais mexicanos a partir das estratégias de domesticação e estrangeirização de acordo com Venuti (2004).

3 ANÁLISE DE DADOS

Os IEC encontrados no livro *Como agua para chocolate* revelam o tema do livro, ou seja, um romance construído em torno da gastronomia e tradições mexicanas no qual foi possível constatar que muitos desses termos refecerem-se a nomes de ingredientes e receitas. A obra apresenta uma forte carga de mexicanismos, ou seja, palavras e expressões utilizadas no país. Desse modo, para um leitor não familiarizado com esses termos, pode apresentar dificuldade em interpretá-los principalmente aqueles relacionados à culinária mexicana como encontrados no TP. Estudos anteriores, como o de Chartes-Rowe (2008) sobre uma análise etimológica dos *mexicanismos* encontrados em *Como agua para chocolate* apresenta uma série de vocábulos identificados ao longo do romance listados a seguir:





Vocabulário de comidas e bebidas: *champandongo, chilaquiles, champurrado, atole, mole, tamales, elotes, jitomates, chabacanos, chiles, ajonjoli, ejotes.*

Ainda segundo a autora, 70% dos vocábulos encontrados no romance provêm do náuatle, como por exemplo: *atole, chocolate, comal, jitomate, jumil, mole* ou *nopal*. Em porcentagens menores encontram-se palavras advindas do latim e do quéchua.

Diante do exposto, voltamos nossa atenção em como alguns desses vocábulos foram traduzidos para o português brasileiro. Para melhor ilustrar os IEC elencados no presente artigo, elaborou-se uma tabela na qual podem ser encontrados esses termos, suas traduções e suas frequências nos TP e TC. Devido a inviabilidade de apresentar todos os IEC encontrados no TP, optou-se em selecionar alguns dos itens mais recorrentes. (Quadro 1)

Quadro 1: IEC no TP⁴ e suas traduções no TC

Itens de especificidade cultural no TP/Ocorrências		Tradução dos itens de especificidade cultural no TC/Ocorrências	
<i>Chile(s)</i>	51	<i>Chile (s)</i> Pimentão Salgado (exclusão)	46 2 2 1
<i>Mole</i>	16	Guisado	16
<i>Comal</i>	10	<i>Comal</i>	10
<i>Atole (s)</i>	6	<i>Atole (s)</i> Mingau (s)	3 3
<i>chilaquiles</i>	4	<i>chilaquiles</i>	4
<i>tamales</i>	3	<i>tamales</i>	3

⁴ Legenda das siglas: TP: texto de partida, TC: Texto de chegada (tradução de Olga Savary).





VII ENLIJE

Como é possível visualizar no Quadro 1, o IEC mais frequente no TP é o vocábulo *chile* com 51 ocorrências. Segundo o *Diccionario de la lengua española*⁵, a palavra *chile* tem sua origem a partir do termo *chilli*, do náuatle, língua falada pelos antigos astecas. O *chile*, juntamente com o feijão e milho formam parte da trilogia dos alimentos básicos da culinária mexicana. Reconhecida mundialmente por seus pratos picantes, segundo o *Diccionario el español de Mexico*⁶, o *chile* é uma planta da família das solanáceas, de folhas alternadas e flores brancas, violetas ou esverdeadas encontrada nos mais diversos tipos no México. O fruto dessa planta tem o formato cônico e alongado apresentando uma grande quantidade de sementes brancas em seu interior. Usado como condimento o seu sabor é caracterizado a partir de diferentes graus de ardência. Desse modo, os pimentões são classificados como *chiles*, mas pertencentes aos considerados como pimentas doces.

Em relação à tradução do IEC *chile*, observa-se que a tradutora oscilou em suas escolhas tradutórias, ou seja, não houve uma estratégia padronizada quando este termo apareceu ao longo do texto. Dessa forma, quando Savary elege por repetir o termo *chile*, ela o faz a partir de seu destaque em itálico acompanhado por uma nota de rodapé. (N.T.1)

N.T.1: “Espécie de pimentão picante, pequeno ou médio, usado especialmente em carnes.” (ESQUIVEL, 2015, p.10)

Também, pode-se indicar que a escolha pela repetição do termo *chile* teve grande frequência quando estes apareciam nas listas de receitas apresentadas a cada abertura de capítulo ou ao longo do texto. Em relação à escolha tradutória pelo pimentão, pode-se apontar que estas ocorreram quando *chile* indicava um prato que se assemelha ao pimentão recheado. Contudo, o vocábulo *chile* é omitido no TC em apenas um caso específico. (Exemplo 1).

Exemplo 1:

TP: Ni la revolución es tan peligrosa como la pintan, ¡peor es el **chile** y el agua lejos! (ESQUIVEL, 2001, p. 82, grifo nosso)

TC: Nem a revolução é tão perigosa como a pintam, há coisas piores. (ESQUIVEL, 2015, p.75)

⁵ Foi utilizada a versão *on-line* do *Diccionario de la lengua española*. Disponível em: <http://dle.rae.es/>

⁶ Foi utilizada a versão disponível *on-line* do *Diccionario del español de Mexico*. Disponível em: <http://dem.colmex.mx/>





De acordo com o *A dictionary of American Mexican proverbs* (1987), a expressão “*peor es el chile y el agua lejos*” refere-se a uma situação desagradável, porém podem acontecer situações bem piores para agravar o quadro. No contexto da obra, a matriarca Mamãe Elena refere-se à pouca importância dada à presença masculina no seio de um lar, assim como ela minimiza a Revolução mexicana. No entanto, para ela, o *chile* representa centralidade na preparação das refeições, sendo bem pior experimentar uma comida que não esteja bem apimentada ou ainda não ter a água para acalmar os efeitos de uma comida picante. No TC, observa-se que a tradutora opta por eliminar essas conotações ao *chile* e, em consequência, excluindo referências à expressão idiomática mexicana, para exprimir o seu sentido. Dessa forma, a solução encontrada foi “há coisas piores”.

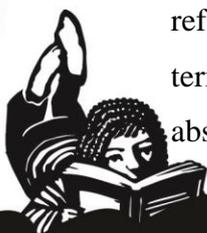
Ainda em relação ao termo *chile*, observa-se que a tradutora decide excluí-lo em uma ocorrência, conforme pode-se observar abaixo. (Exemplo 2).

Exemplo 2:

TP: Un chile en nogada olvidado en una charola después de un gran banquete no se sentiría peor que ella. ((ESQUIVEL, 2001, p. 57, grifo nosso)

TC: Um salgado ou um doce esquecido em uma bandeja depois de um grande banquete não se sentiria pior que ela. ((ESQUIVEL, 2015, p. 54, grifo nosso)

Ao longo do romance, algumas vezes os sentimentos da personagem Tita são retratados a partir de como se sentem os ingredientes no processo de preparação de cada prato. No exemplo exposto acima, Tita é comparada a um *chile en nogada* esquecido em uma bandeja. Segundo o *Diccionario del español de Mexico*, o prato *chile en nogada* é tradicional do estado de Puebla, por isso, utilizam-se *chiles poblanos* em sua preparação. Os *chiles poblanos* têm a cor verde escuro e medem entre 8 e 12 cm, quando estão maduros são recheados com um guisado de carne bovina ou suína acrescido de um molho de frutas; é importante ressaltar que as nozes utilizadas em seu molho devem ser colhidas recentemente compondo o prato *chiles en nogada*. Ainda segundo o dicionário, *nogada* é um molho à base de nozes e creme. Observa-se que a tradutora opta em traduzir o prato *chile en nogada* para uma referência mais próxima aos leitores brasileiros, recorrendo ao salgado, possivelmente remetendo ao *chile* e o doce podendo referir à porção adocicada do termo *nogada*. Em outro trecho do TC, a tradutora volta a repetir termo *chile* por salgado. Dessa forma, pode-se inferir que ela opta por uma universalização absoluta.





VII ENLIJE

O segundo IEC mais presente na obra foi o termo *mole*, totalizando 16 ocorrências. A palavra deriva do náuatle *molli*, que por sua vez, significa “inventada”, ou seja, uma receita originária do México. O *Diccionario del español de Mexico* descreve o *mole* como um molho de *chile* que pode levar especiarias, tomates verdes e condimentos variados que, na maioria das vezes, pode ser gergelim e em algumas variações pode-se acrescentar chocolate e amendoim. Além disso, o *mole* também se refere ao guisado de peru, frango ou porco consumido com esse molho. De acordo com Pilcher (1998) o *mole* é considerado como o prato mais emblemático do México porque é tradicionalmente consumido durante as celebrações no dia da independência.

Igualmente a outros vocábulos encontrados em *Como agua para chocolate*, a palavra *comal* deriva do náuatle *comallil*. Segundo o *Diccionario de lengua española*, o termo *comal* significa disco de barro ou de metal que se utiliza para cozinhar tortilhas de milho ou para tostar grãos de café ou de cacau. No texto de partida, ele aparece em 10 ocorrências. Observou-se que a tradutora manteve o termo em itálico no seu texto, acrescido de uma explicação extratextual em forma de nota de tradução. (N.T.2)

N.T.2: “No México, disco de ferro ou barro usado para cozer tortas de milho.” (ESQUIVEL, 2015, p. 13)

Com seis ocorrências, identificou-se o IEC *atole*. Segundo o *Diccionario del español de Mexico*, o *atole* é uma bebida espessa geralmente consumida quente, feita com farinha de milho diluída e fervida na água ou leite. O *atole* ainda pode levar ingredientes como açúcar, canela, chocolate, mel ou alguma fruta moída. Em relação ao termo, observa-se que Savary optou por estratégias semelhantes frente à palavra *atole*. Na tradução, o *vocábulo* é encontrado em três ocorrências, nas quais são destacadas pelo itálico e acompanhada pela explicação extratextual em forma de notas de rodapé. Embora, em alguns casos, a tradutora optou por uma solução mais próxima dos leitores brasileiros, ao traduzi-lo por mingau, sendo classificada como uma universalização absoluta, de acordo com Aixelá (2014). Dentre os casos analisados, destacamos um exemplo em que o termo *atole* aparece como uma expressão idiomática. (Exemplo 3)

Exemplo 3:

TP: “No entendía para nada la actitud de John, ¡parecía que tenía atole en las venas!”
(ESQUIVEL, 2001, p. 231, grifo nosso)





VII ENLIJE

TC: “Não entendia em nada a atitude de John. Parecia que tinha *atole* nas veias!” (ESQUIVEL, 2015, p. 193)

De acordo com o *A dictionary of American Mexican proverbs* (1987), a expressão “*tener atole en las venas*” refere-se às pessoas que conseguem se manter calmar apesar de passar por situações difíceis. Desse modo, agem com apatia ou até mesmo frieza ante as adversidades. Observa-se que Savary opta em traduzir literalmente a expressão idiomática. No entanto, essa escolha pode tornar-se incompreensível para o leitor brasileiro não familiarizado com expressões mexicanas.

O IEC *chilaquile*, apresentando quatro ocorrências no TF, aparece em sexto lugar. De acordo com o *Diccionario de lengua española*, o termo *chilaquile*, igualmente advindo do náuatle, é um guisado composto por tortilhas de milho, cortadas em tiras ou triângulos, fritas e, posteriormente cozidas em molho de *chile*, tomate ou tomate verde, que costuma ser servido com cebola e queijo. Observa-se que a tradutora convergiu em suas estratégias tradutórias ao optar em repetir o termo *chilaquile* em itálico apresentando uma explicação extratextual em forma de nota de tradução. (N.T.3)

N.T.3: “Guisado mexicano composto de tortilhas de milho, despedaçadas e cozidas em caldo e molho de *chile*.” (ESQUIVEL, 2015, p.143)

O último IEC catalogado nesta pesquisa, refere-se ao prato *tamal* ou *tamales*, no plural. De acordo com o *Diccionario del español de Mexico*, o *tamal* é um prato que consiste principalmente em uma massa de milho com manteiga, de forma retangular com as bordas arredondas cozida ao vapor e embrulhada em uma folha de milho ou de banana. O *tamal* é geralmente recheado com carne e molho verde (*tamal verde*), molho vermelho (*tamal rojo*), ou recheado com doce (*tamal de dulce*). No TC, Savary opta em manter o termo *tamal* acrescido de uma nota de rodapé. (N.T.4) como pode ser observada a seguir.

N.T.4: “Pamonha salgada, recheada de vários ingredientes como carnes, passas e ameixas, cebola, etc.” (ESQUIVEL, 2015, p. 66)





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a analisar, desde a perspectiva descritiva, alguns dos IEC encontrados no *corpus* composto pelo romance *Como agua para chocolate* e sua tradução para o português brasileiro realizada por Olga Savary. Dentre os IEC, optou-se em selecionar alguns termos recorrentes: *chile, mole, comal, atole, chilaquile e tamales*.

Pôde-se constatar que muitos desses vocábulos refletem o tema da obra, ou seja, um romance construído a partir de receitas e tradições mexicanas. De forma que muitos dos IEC encontrados são relativos à gastronomia mexicana. A partir dos IEC anteriormente mencionados, igualmente foi possível observar a influência da língua náuatle nos vocábulos encontrados ao longo do romance.

Finalmente, pôde-se verificar ao analisar os dados quantitativos que, no tocante à tradução dos IEC, a tradutora Olga Savary adotou algumas estratégias e recursos que convergiram em determinados vocábulos ou divergiram em outros, não adotando um padrão de estratégias domesticadoras ou estrangeirizadoras. Desse modo, pôde-se apontar que a tradutora optou, majoritariamente, pela estratégia de repetição somando-se à explicação extratextual em forma de notas de rodapé. No entanto, Savary igualmente optou em substituir termos que estivessem mais próximos aos leitores brasileiros, recorrendo à universalização absoluta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIXELÁ, Javier Franco. “Itens Culturais Específicos em Tradução”. Trad. Mayara Matsu Marinho; Roseni Silva. **Traduções**. Florianópolis, v. 5, n. 8, p. 185- 218, 2013.

CHARTES-ROWE, Nadja. Análisis etimológico de los mexicanismos encontrados en la novela mexicana *Como agua para chocolate* de Laura Esquivel, 2008. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:133341/FULLTEXT01> Acesso em: 27 de ago. 2018.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. Disponível em: <http://dle.rae.es/> Acesso em: 30 de ago. 2018.

DICCIONARIO DEL ESPAÑOL DE MEXICO. Disponível: <http://dem.colmex.mx/> Acesso: 25 de jul. 2018.

ESQUIVEL, Laura. **Como agua para chocolate**. Nova Iorque: Vintage Español, 2001.

_____. **Como água para chocolate**. Trad. de Olga Savary. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GLAZER, Mark. **A dictionary of American Mexican proverbs**. Connecticut: Greenwood Press, 1987.





VII ENLIJE

PILCHER, Jeffrey. **¡Que vivan los tamales! Food and the making of mexican identity.**

Albuquerque: University of New Mexico Press, 1998.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a History of Translation.** London: Taylor & Francis e-Library, 2004.



(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br